

Fotos: Ed Alves/CB/DA.Press

### ECOLOGIA

# Ambientalistas cobram mais proteção ao Lago

A maior preocupação são os compostos de nitrogênio e de fósforo, provenientes de esgoto. Adasa realiza o monitoramento de 11 pontos e Caesb afirma que 95% da área abrangida pelo reservatório podem ser usadas para banho e esportes

» LETÍCIA MOUHAMED  
» LUIZA MARINHO\*  
» MARIANA SARAIVA

A crise climática coloca o Lago Paranoá na berlinda e preocupa ambientalistas, que cobram mais ações para preservá-lo. Defendem um diálogo entre poder público, sociedade e pesquisadores. Segundo José Francisco Gonçalves Júnior, professor do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília (UnB), as principais formas poluidoras do Lago, neste momento, são os compostos de nitrogênio e de fósforo, provenientes de esgoto, tanto clandestino quanto de efluentes tratados, que podem sair em baixas concentrações ou por meio de um tratamento não eficiente.

“Com relação à recreação, temos embarcações que promovem poluição sonora, em caso de festas, gerando lixo e, também, esgoto. Muitos têm banheiros, então, como são dispensados esses dejetos? Há local de retirada ou vão automaticamente para a água? Se saem das lanchas para o lago, há de se ver a capacidade de lanchas e pessoas em um mesmo momento, para que o reservatório consiga absorver toda essa poluição sem que ela aumente a carga de agentes poluidores”, detalha o especialista, que é presidente da Aliança Tropical de Pesquisa da Água.

#### Qualidade da água

Quanto a clubes, áreas de lazer e restaurantes, o professor reforça que é necessário haver efluentes tratados ou uma captação que leve os dejetos para uma estação de tratamento, devidamente autorizada pela Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal (Adasa). A pasta informou que realiza, atualmente, o monitoramento de 11 pontos no espelho do lago, com periodicidade trimestral.

Em relação à qualidade da água, a Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb) ressalta que, atualmente, 95% da área abrangida pelo reservatório estão balneáveis, ou seja, podem ser usadas para banho e atividades esportivas. Os outros 5% não oferecem balneabilidade por estarem perto de Estações de Tratamento de Água e Esgoto (ETEs) da Caesb. É o caso do Deck Sul, que não é área de lazer aquático por estar nesta zona de transição e compensação da diluição dos efluentes, sendo, portanto, impróprio para banho.

O especialista, porém, questiona: “Como as autoridades explicam que, na região do Deck Sul, a área está imprópria para banho, porém, andando 100, 200 ou 300 metros, o local se torna apto para o lazer? É estranho, pois estamos lidando com o mesmo corpo da água”. Além disso, José Francisco explica que existe um fluxo de água natural da região do Deck Sul para o centro do lago, assim como do Deck Norte para o centro, que converge e segue em direção à barragem. “Se eu tenho uma área imprópria reconhecida pela Caesb, como garantir que o lago, em outras áreas, também não está dessa forma?”

A Caesb afirma que a estação trata o esgoto e devolve ao lago a água tratada. Porém, mesmo após esse procedimento, algumas impurezas permanecem. “A medida que essa água avança para o lago, encontra águas de outras vertentes, que são limpas. Assim, em um processo biológico, feito pela própria natureza, a impureza da água tratada se dilui. Resumo: longe



Livia Flores e Krishna Noronha costumam escutar música na beira do lago



Maroli Lima (E), Edson e Janete Lima se encantam com a beleza da vista



Sônia Batalha visitou a área com a família e observou que nem todos usam as lixeiras para descartar resíduos

das ETEs, a água é balneável”. A pasta ainda informa que a qualidade da água nos rios é, de forma geral, muito boa, com exceção do afluente Riacho Fundo, que drena uma área urbana com crescimento populacional desordenado, onde há lançamentos clandestinos de esgoto.

#### Lazer com responsabilidade

Quem se queixa de não haver praia em Brasília certamente nunca se divertiu nas águas do Lago Paranoá. Espaço para encontros e opção para se refrescar no calor, o local é um dos pontos turísticos mais visitados do Distrito Federal, com destaque para a orla da Ponte JK e para as praias da Ermida Dom Bosco e da Praça dos Orixás. Espalhado por 48km<sup>2</sup>, o espelho d'água do Paranoá contempla a cidade de norte a sul e recebe diariamente frequentadores de vários pontos do DF, além de abrigar mais de 50 espécies de aves, peixes e mamíferos. A diversão, porém, deve ser aliada da responsabilidade.

Sônia Batalha, 54 anos, natural de Minas Gerais, visitou o lago com a família e se decepcionou com a poluição. “Observei que algumas pessoas têm jogado lixo. Há pouco, vi até ‘marmitex’ e pacote de biscoito na água”, diz a professora. Ela notou que, mesmo com as lixeiras à disposição das pessoas, há quem prefira jogar lixo em lugares indevidos. “O Lago é para todos, inclusive para os peixes que, dessa forma, ficam em risco”, completa Sônia.

Livia Flores, 34, e Krishna Noronha, 40, costumam escutar música na beira do lago, mas acham que a poluição aumentou e que a água não é propícia para banho. “É necessário

que haja uma conscientização mais forte e contínua, porque não adianta limpar e as pessoas continuarem com a mesma mentalidade, isso não resolve. Acredito que faltam campanhas de conscientização”, avalia Livia.

“Vi uma pessoa nadando e pensei ‘queria muito tomar um banho’, mas não tenho coragem de entrar, não sinto segurança de a minha pele estar em contato com essa água”, diz Krishna.

Segundo a bióloga e professora da Universidade de Brasília (UnB) Claudia Padovesi Fonseca, após a inauguração do Lago Paranoá, a poluição se tornou recorrente devido à expansão urbana e à entrada de resíduos não tratados em suas águas. “Em meados de 1998, houve uma intervenção da CEB (Companhia Energética de Brasília), na qual as comportas do lago foram abertas por um período. Como consequência, um volume expressivo de água foi escoado pela barragem, levando consigo os nutrientes que contribuíam para o desenvolvimento de algas cianobactérias, indicadoras de ambientes poluídos”, explica.

A partir daí, a presença de algas verdes — essas indicadoras de ambientes de menor poluição — aumentaram, contribuindo para a diversidade de organismos aquáticos. “De forma geral, o lago continua com o nível de poluição mais baixo. Entretanto, devido às inúmeras entradas de resíduos, até de coliformes fecais, o reservatório está sempre vulnerável a alterar a sua qualidade de água e deve ser permanentemente monitorado. No entanto, falta diálogo entre os órgãos responsáveis”, alerta Claudia, que também é pesquisadora de águas continentais e sua biodiversidade.

O Instituto Brasília Ambiental (Ibram), que está implementando mo-

onitoramento da qualidade da água em dois pontos — no Parque Ecológico das Garças e no Parque Ecológico das Copaibas — reforça que a preservação da função ecológica do lago é dever de todos, inclusive de usuários que não recolhem adequadamente lixo gerado no local, como embalagens e restos de comida.

#### Atividade comercial

Quanto ao uso comercial do espaço, o professor José Francisco acrescenta que essa utilização em nada tem melhorado a condição da fauna e da

flora do local. No entanto, não é possível dizer se isso tem impactado de forma negativa ou diminuído a biodiversidade do reservatório. “Não acredito que o meio comercial possa ser o principal agente de degradação. Pelo contrário. As pessoas que exploram comercialmente o lago sabem que, quanto mais limpo o espaço, mais atrativo para a população. Assim, seus negócios tendem a prosperar. O necessário é apenas que esses serviços convirjam para um desenvolvimento econômico sustentável”, pondera.

O especialista lembra que as soluções devem envolver não apenas órgãos responsáveis, mas também os pesquisadores que, com um olhar mais clínico, podem detectar potenciais erros. “É nítido que a gestão do lago precisa ser aperfeiçoada, pois temos uma situação de acomodação dos órgãos fiscalizadores frente aos interesses políticos e econômicos. Além disso, o estado precisa dialogar com a sociedade civil para que o lago possa oferecer um serviço ambiental que todos esperam dele, de lazer, paisagismo e utilização para abastecimento”, afirma.

“Conheço várias pessoas que não se sentem confortáveis em saber que a água que chega à bica da sua casa vem do Lago Paranoá, devido a percepção de que há poluição. De fato, se essa água não estiver em boas condições, há risco para todos, afinal, esse recurso é essencial a todos”, completa o professor.

\* Estagiária sob supervisão de Malcia Afonso

